

parte 2 - amazônia

[00:00:11] **Speaker 1** Olá, tudo bem? Seja bem-vindo, seja bem-vinda, à aula 3, parte 2, do nosso curso de jornalismo científico. O assunto de hoje é o desmatamento na Amazônia. Na primeira parte da aula, a gente analisou as alterações climáticas, a ciência do clima, entendeu onde é que o Brasil entra nessa história como um dos principais emissores.

[00:00:37] As emissões do Brasil são decorrentes sobretudo do desmatamento que acontece na Amazônia. O desmatamento na era moderna na Amazônia teve início na década de 70, no final dos anos 60, com o governo militar no Brasil. Apesar deste início já há muitas décadas atrás, o monitoramento desse desmatamento, o levantamento de dados relacionados ao desmatamento, começa no final dos anos 80 a ser feito pelo Inpe. E o outro registro histórico importante, antes da gente começar a nossa aula, é que o Brasil conseguiu conter esse desmatamento. Isso é muito importante, que a gente analise, que a gente olhe para isso, porque reflete diretamente na política atual, ou seja, se a gente conseguiu conter durante esse período, significa que isto pode acontecer de novo.

[00:01:37] De maneira geral, a gente pode dizer que existe um projeto, existem estudos inclusive sobre isso, existe um projeto federal no Brasil que ultrapassa as legendas políticas e que visa a incorporação da Amazônia ao modelo de desenvolvimento semelhante ao que aconteceu no restante do país, e esse modelo é predatório. Esse é um levantamento de 36 anos de desmatamento feito pelo InfoAmazônia. A trajetória política nesse desmatamento da era moderna conhece alguns picos nos anos 90, sobretudo 95, em 2012 atinge o ápice da contenção, e hoje o processo que a gente vive é de uma volta ao aumento nos índices de desmatamento, não nos patamares dos anos 90, mas aos patamares do período anterior à 2008, do início dos anos 2000, o que já é preocupante, porque hoje a gente tem um entendimento muito maior do problema, uma clareza maior de quais são as soluções, e ainda assim o desmatamento vem crescendo. Então no momento político atual, a gente vivencia no Brasil uma certa retomada dessa mentalidade desenvolvimentista onde a floresta, e também os povos da floresta, são vistos como empecilhos ao desenvolvimento econômico.

[00:03:12] Isso fica mais claro quando a gente analisa os dados. A gente tem ali aqueles picos em 95, depois no início dos anos 2000 também. Sempre o desmatamento atrelado ao mercado global de commodities, isso é muito importante destacar. Porque a Amazônia não é um lugar desconectado do mundo globalizado, industrializado. Pelo contrário, os produtos que são extraídos da floresta de maneira predatória estão presentes na economia global, seja madeira, sejam os minérios, como minério de ferro, ouro, inclusive boa parte desse mercados todos são ilegais na Amazônia. Ou as commodities agropecuárias como carne, soja e outros, que se não necessariamente ilegais na sua produção - embora possa acontecer também - mas muitas vezes acontecendo em áreas ilegalmente desmatadas.

[00:04:20] E hoje a gente vê então, a partir de 2018, um aumento, que já teve também início até antes do atual governo, é verdade, mas tem uma intensificação a partir de 2018. Se a gente der um zoom in nessa análise, fica mais fácil. Note que as cores mais quentes do laranja para vermelho são as cores referentes ao período de 2018 para cá. Essa análise tem início em 2015. Essa é uma análise do Deter, portanto são dois sistemas basicamente do Inpe de monitoramento, o Deter e o Prodes. O Deter faz uma análise baseada em alertas, a funcionalidade dele é guiar a fiscalização in loco, fiscalização essa

que não está acontecendo agora no atual governo, que esvaziou o Ibama e os órgãos de fiscalização e controle. Mas esse seria o papel do Deter. O Prodes, sim, apresenta os dados mais consolidados. De qualquer forma, mesmo sendo o Deter, o Deter já aponta aquele caminho, costuma contar o caminho que depois o Prodes confirma. E aqui a gente pode ver que de 2018, 2019 para cá, existe uma intensificação desses alertas relacionados ao desmatamento.

[00:05:46] Hoje, no Brasil e na Amazônia continental, além do Inpe, existem outros sistemas e outros satélites, além dos satélites que servem ao Inpe, ou dos quais o Inpe se utiliza, existem outros alertas, outros sistemas, monitorando o desmatamento na Amazônia. Isso é muito importante porque o governo Bolsonaro já ameaçou algumas vezes, ou já fez ameaças veladas sobre o sistema oficial de dados relacionados ao desmatamento na Amazônia. E se por acaso acontecesse do governo interromper a publicação desses dados, a mentira teria pernas curtíssimas, porque existem outros sistemas que estão em atuação. A gente pode usar como um paralelo para essa situação o que aconteceu durante a pandemia da Covid-19, que os dados oficiais do Ministério da Saúde sobre o número de casos e mortes, por exemplo, deixou de ser publicado e esse espaço foi ocupado pelo consórcio de veículos de imprensa.

[00:06:53] Tudo isso é relevante porque o Brasil tem um papel fundamental na questão da biodiversidade global. Mais de 20% das espécies de peixe de água doce, por exemplo, estão no Brasil. A gente pode imaginar a biodiversidade do planeta como muito dependente deste cinturão tropical do qual o Brasil faz parte. Claro, não é o único, mas faz parte e é importante, e a vida no planeta depende muito deste cinturão de vida na zona tropical, de qual o estado de saúde deste cinturão de vida. Existem estudos que comparam, por exemplo, a biodiversidade em termos de espécies de peixes em três metros quadrados de igarapés amazônicos. Os igarapés, para quem não sabe, são os riachos amazônicos, e a quantidade de espécies que existem nesses três metros quadrados é maior do que, por exemplo, em países inteiros do norte da Europa, como a Noruega e Suécia. Só por aí a gente pode tomar uma medida da importância do Brasil.

[00:08:04] E essa importância é ameaçada exclusivamente pelo desmatamento? Não, existem outros problemas como, por exemplo, o fenômeno da degradação. O desmatamento pode ser entendido como a supressão da floresta, aquela área de cobertura florestal é retirada e no lugar dela vem outra coisa que pode ser a monocultura, que pode ser o pasto. No entanto, existe o problema da degradação, que é mais silencioso, digamos assim, ou menos perceptível. E o que é a degradação? É um conjunto de atividades antrópicas, ou seja, atividades que acontecem por meio da ação humana e que resultam num processo de degradação da floresta como, por exemplo, pequenos ou médios incêndios; extração comercial de madeira, a floresta está lá mas são retiradas algumas espécies com valor comercial; estradas e fragmentação, que cortam a floresta; ou efeito de borda, por exemplo, onde a floresta vai perdendo aquela umidade; e com esses fatores somados vai acontecendo uma degradação, que significa a biodiversidade cai, o número de espécies ali cai, a floresta se torna mais seca, mais inflamável, por exemplo, mais suscetível ao fogo, e esse processo vai então comprometendo os serviços ecossistêmicos que são providos pela floresta. Existem vários exemplos de serviços ecossistêmicos, também chamados de serviços ambientais, mas eles se referem, por exemplo, à regulação do clima, regulação do ciclo hidrológico, a ocorrência de chuvas, e coisas assim que são bastante importantes para a manutenção da vida, inclusive da nossa, e também para a produção no setor agropecuário.

[00:10:05] E a degradação, a maneira como ela se expressa, pode até servir a interesses políticos, ela pode acabar sendo conveniente a discursos políticos. Políticos como, por exemplo, o do presidente Bolsonaro, que convidou o presidente francês a sobrevoar a Amazônia e onde ele poderia ver que a cobertura florestal está intacta por quilômetros e quilômetros. Embora, em algumas regiões da Amazônia, há de fato cobertura florestal e de vegetação primária e de floresta preservada, não é assim que acontece em toda a extensão da Amazônia brasileira hoje. Em ambientes degradados, e existe todo um gradiente de degradação, pode estar mais ou menos degradado, mas em ambientes muito degradados, a floresta está ali, no sobrevoo ela aparece intacta porque as árvores mais altas, o dossel da floresta, que é formado pelas copas, pela copa das árvores mais altas está aparente, no entanto, se você for averiguar e os cientistas são capazes de fazer isso, a saúde daquela floresta não está bem. Ela passa por todos esses problemas que a gente já comentou aqui sobre a degradação florestal.

[00:11:27] A combinação de todas essas atividades humanas, a degradação e o desmatamento, e tudo que o que faz parte disso, pode levar ao Tipping Point, ao ponto de não retorno. Para alguns cientistas já está acontecendo. O que é o Tipping Point? A grosso modo, é o fato de que a saúde da floresta fica comprometida a um ponto tal que não tem mais retorno, e essa degradação ela se retroalimenta, então a floresta ela não consegue mais se recuperar sem intervenção humana, nesse caso seria uma intervenção positiva. Importante destacar para você, que é muito comum na cobertura do Tipping Point, que os cientistas falem em savanização da Amazônia e que os jornalistas reproduzam esse termo. Na minha opinião, respeitosamente, nem sempre com o devido cuidado. Uma Amazônia savanizada não seria um cerrado. Cerrado é um ambiente extremamente biodiverso, adaptado ao clima mais seco, adaptado, por exemplo, à ocorrência de incêndios naturais, o que não é o caso da Amazônia. Então essa Amazônia savanizada seria uma versão mais pobre, ressequida de uma savana, e não necessariamente o Cerrado, que é a savana mais diversa do mundo, dependendo da maneira ou do recorte com que a análise é feita.

[00:12:56] O mundo sem a Amazônia seria um lugar inabitável e que resultaria num colapso da produção agrícola. Por que é importante falar disso? Porque eu acho que muitas vezes essa mensagem não está clara para as pessoas. As pessoas ainda dissociam muito a questão ambiental da questão produtiva de maneira geral, e eu acho que é papel do jornalista ambiental hoje mostrar que o problema é muito grave, o buraco é bem mais lá embaixo. Mostrar com dados, números e informações baseadas em ciência que, sim, estamos falando do colapso da produção agrícola e do colapso portanto da balança comercial brasileira, que hoje é muito dependente da atividade desse setor. Além desse aspecto, é claro que esse não é o único aspecto, mas eu acho que é uma mensagem importante e da qual a gente pode colher muitos benefícios, e baseada em verdade, baseada em ciência, não existe exagero. Às vezes o jornalista tem muita preocupação de amenizar o tom quando fala da crise climática. Eu particularmente sou contra. Eu acho que a situação é grave, é terrível, e que se a gente for realista, as soluções ficam mais concretas do que às vezes a gente tentar amenizar o discurso para não causar ojeriza nas pessoas.

[00:14:27] Um pesquisador do King's College London, uma das principais universidades do Reino Unido, chamado Mark Mulligan, desenvolveu uma projeção sobre quanto tempo nos restaria de Amazônia continental, não só a Amazônia brasileira, se os índices de desmatamento fossem mantidos. Esse dado, se não me engano, é de 2015, eu não tenho certeza. Este mapa é de 2015, foi feito pela InfoAmazônia e mostra que a cobertura florestal duraria pouco mais de duzentos anos. Lembrando que, muito antes do colapso

total, muito antes da queda da última árvore, a degradação na Amazônia já seria desastrosa para o Brasil, para o continente e para o futuro do planeta, em termos climáticos. Eu sei que essa aula trata de um assunto muito pesado, muito difícil e que, quando a gente olha para o que a ciência vem apontando há décadas sobre a realidade do desmatamento e sobre realidade das alterações climáticas, é muito fácil a gente cair num certo pessimismo. No entanto, eu acho que fica como mensagem final para que a gente se mobilize para tentar entender por que, mesmo com um volume de informação tão grande e informações consistentes, por que a gente continua fazendo as coisas do jeito errado. Por que a gente está perdendo esse ecossistema, este bioma tão rico. Quais são as forças políticas e econômicas, culturais e cognitivas, que estão por trás da manutenção desse cenário, que é desastroso para todo o mundo. Essas perguntas são importantes, acho que podem nos levar, podem servir de norte para uma cobertura mais precisa da questão ambiental na Amazônia.

[00:16:31] Lembrando também que essa é uma visão geral, um retrato, um recorte, para que possa servir de munição para você na sua cobertura, seja ela local ou mais focada em desmatamento. É importante lembrar disso porque a Amazônia não é só isso. A Amazônia é muito mais rica e biodiversa do que esse cenário de desmatamento e degradação que a gente tantas vezes fala na imprensa. E essa riqueza não é só natural ela é social e cultural, e vale a pena também que a gente retrate todo esse valor que a Amazônia tem, toda essa riqueza que a Amazônia tem, para que também sirva de inspiração. Afinal de contas, não somos tão importantes assim. Muito obrigado e eu vejo você na próxima aula. Um abraço.